

CAPÍTULO 5

“HÁ SEMPRE QUEM CULTIVE”

O capítulo que se segue tem como finalidades mostrar o quanto o regime torrencial das ribeiras do Barrocal condicionou as hortas existentes nas suas margens, e conseqüentemente o sustento das gentes desta sub-região Algarvia. Como veremos, embora a torrencialidade possa ter incidências muito distintas em curtos espaços, acontecimentos a montante têm normalmente repercussões a jusante. Todavia, apesar das adversidades constantes que as afectam (secas e cheias), algumas hortas, como as do *Zavedo* – Ribeira das Mercês, Freguesia de Querença, à semelhança das do regadio do *Nascente*, continuam a ser cultivadas.

5.1. Hortas da Ribeira das Mercês – Freguesia de Querença

Ao longo da margem direita da Ribeira das Mercês¹ na freguesia de Querença, dispõem-se no sentido este/oeste três regádios: o regadio da *Fonte Filipe*, o *Regadio Moinho Ti'Casinha* e o *Moinho da Ti'Adelaide*, estes últimos também designados de *Regadio de Cima* e *Regadio de Baixo*² respectivamente, comumente localizados pelos seus regantes na zona de hortas do “*Zavedo*”. Na margem esquerda da mesma ribeira, entre a *Ponte Nova* (sobre a qual passa a estrada nacional 396) e o regadio do *Morgado do Castelo* (Quinta da Ombria), parte do qual se localiza na freguesia de Tôr, segue-se outro regadio onde estão incluídas as hortas da *Varginha da Teresa* e da *Esparella*, a primeira localizada a montante da *Ponte da Esparella* e a segunda a jusante da mesma ponte; o açude que o alimenta é denominado localmente por *açude da Ponte Nova* ou *açude da Varginha da Teresa*.

Os poucos regantes hoje no activo descendem, na sua maioria, de habitantes da dita freguesia, uns habitando nela, outros vivendo em outros lugares do concelho de Loulé³. Para se deslocarem até à horta fazem-no necessariamente de carrinha, carro ou motorizada dada a sua localização periférica relativamente aos *sítios de Querença*⁴. Distam os regádios em questão entre 1 e 4 km relativamente à sede de Freguesia.

¹ Na área do Barrocal abrangida pela presente tese, a Ribeira das Mercês na freguesia de Querença é o curso de água em cuja extensão se localiza o maior número de regádios de *águas de rojo* ainda em funcionamento.

² Este regadio incluía uma pequena horta localizada a jusante da Ponte Nova.

³ No regadio da Fonte Filipe, alguns regantes residem em S. Romão no concelho de São Brás de Alportel.

⁴ Expressão utilizada por Pedro Prista (1993) ao referir-se ao tipo de povoamento disperso do Alto Barrocal.

Esta ribeira nasce no concelho vizinho, em São Brás de Alportel, e ao longo do seu percurso é alimentada por pequenas ribeiras, barrancos, e várias nascentes que engrossam o seu caudal permitindo mantê-lo corrente durante todo o ano, salvo em anos muito secos. Na freguesia de Querença, são as nascentes do *Olho Parises* e da *Fonte Filipe* que a alimentam, a primeira apenas nos meses mais chuvosos, e a segunda ao longo do ano, secando esta última unicamente em anos excepcionais⁵. Quanto às ribeiras e ribeiros, os mais *conhecidos* são o *ribeiro do Almarjão* que desagua perto da Fonte Filipe, e a *ribeira dos Carunchos* junto à *Ponte Nova*. Depois do *regadio da Esparrela*, ainda na freguesia de Querença, a Ribeira das Mercês toma o nome de *Ribeira das Palmeiras* junto das *hortas da Varja das Palmeiras* e *Ribeira da Vinha* em par das *hortas da Varja da Vinha*, ambas situadas no perímetro da Quinta da Ombria. Um pouco mais adiante, num lugar chamado de *juntas da ribeira*, a Ribeira das Mercês cruza-se com a Ribeira dos Moinhos⁶ tomando aí, na partilha com a freguesia de Tôr, o nome de *Ribeira da Tôr*. Juntas formam a jusante da *Ponte da Tôr* uma única ribeira de nome *Ribeira de Algibre*, que serpenteando cerros e vales desvia-se até Paderne, concelho de Albufeira, e pouco depois, retoma novamente ao concelho de Loulé indo desaguar na freguesia de Quarteira.

Nas margens destas ribeiras existem também hortas que não são regadas directamente com as suas águas, mas da água de poços, nora, e outros; ora porque a horta se encontra a um nível superior ao da levada ou porque a ribeira se seca havendo que dispor de água de rega alternativa⁷. No entanto, agricultar a terra nas suas margens tem normalmente em comum a frescura do lugar. A este propósito uma idosa referia com ênfase o bem-estar que sente quando aí está a trabalhar, comparando o local à praia⁸. Todavia, este cenário quase paradisíaco das hortas de ribeira, proporcionando as suas água além de rega momentos de lazer⁹, verdadeiros oásis em outros tempos, esconde perigos que apanham os agricultores de surpresa. Estamos a referir-nos sobretudo às cheias que de um momento para o outro tudo podem destruir, e até causar baixas humanas¹⁰. Sobre o poder devastador das ribeiras referiamos um informante:

⁵ Segundo o relato de alguns elementos da população do sítio da Amendoeira, a Fonte Filipe terá secado em 1944/45 altura em que foi afundada pela população do referido sítio adquirindo então os contornos actuais.

⁶ Esta ribeira nasce a norte do concelho de Loulé na serra da freguesia de Salir.

⁷ Possuir recursos de água alternativos é muito comum na área em estudo, quer nas hortas como em casa para uso doméstico.

⁸ Estanco Louro (1929) n' *O Livro de Alportel* também se refere à horta enquanto lugar aprazível.

⁹ As comemorações do S. João e do 1.º de Maio junto da Fonte Filipe e da Fonte da Benémola na freguesia de Querença são disso exemplo. Ver Foto 11, Anexo Fotográfico.

¹⁰ Ver Figura 14 em Anexo C.

“Sempre foi assim, e há um ditado que diz: ‘hortas de ribeira é bens de ribeira’, só é nossa enquanto ela quer...quando a natureza não quer, numa hora ou duas leva-as todas ficamos com o sinal.”

Viegas, Povo de Querença, Freguesia de Querença, 21 Novembro 2005

Também as secas afectam de forma implacável as hortas de ribeira e toda a vida que gira em seu redor, ainda que de um modo silencioso. Além de inviabilizarem os cultivos nas suas margens, dizimam os peixes que nela habitam.

5.1.1. A cheia de 20 Novembro 2005¹¹

No final do ano de 2005, na madrugada do dia 20 de Novembro, choviam então as primeiras águas, depois de um Verão de seca extrema caracterizado pela míngua de água de rega e de água destinada ao uso doméstico, condicionando fortemente os cultivos nas hortas do Barrocal; os agricultores com horta nos regadios situados junto às margens da Ribeira das Mercês foram surpreendidos por uma *enxurrada*, de cuja dimensão e estragos a sua memória não havia ainda registado. Foi atribuída como causa a *tromba de água* que caíra a montante, em S. Brás de Alportel.

No perímetro administrativo da freguesia em questão, os estragos verificaram-se ao longo de toda a ribeira desde a *Fonte Filipe* à partilha com a *Quinta da Ombria*. Junto à dita Fonte, a ribeira saiu do lugar, galgou a ponte¹² arrastando consigo um dos seus muros laterais e a calçada do largo, até onde rolaram dois pedregulhos de proveniência incerta. Os tubos que, atravessando a ribeira, levam água da *Fonte Filipe* para regar as hortas do *Telheiro*, situadas junto à estrada que segue para o *Almarjão*, foram derrubados impossibilitando a passagem da água para a outra margem. Além da zona da *Fonte Filipe*, também no *Zavedo* os calhaus da ribeira invadiram as hortas à passagem da água, arrastando os poucos cultivos aí existentes (couves, rábanos...) dado tratar-se de uma época de pouca sementeira. Algumas árvores e arbustos (alfarrobeiras, nogueiras, laranjeiras, medronheiros, loendreiros), foram arrancados pela raiz em cujo lugar ficou a faltar terra. As canas ficaram completamente deitadas à

¹¹ Ataíde Oliveira na Monografia do Concelho de Loulé (1905) dá-nos conta de um episódio semelhante na mesma ribeira, cem anos antes: “No dia 4 de Novembro de 1904, durante a noite, tendo caído algumas chuvas no sítio de Alportel, da Freguesia de S. Brás, engrossaram por tal forma a ribeira das Mercês, que esta, transbordando, causou graves prejuízos nesta freguesia. A cheia arrastou na sua corrente muitas árvores. Numas hortas lançou grandes quantidades de pedras, e noutras arrancou toda a terra com o que nela existia. Foram os prejuízos avaliados em dezenas de contos” (Oliveira, 1905:157).

¹² Ver Foto 5, Anexo Fotográfico.

passagem da água, pendendo para jusante. Entulhos de lenha, canas e lixos diversos (pneus, frigorífico, sapatos...) trazidos pela enxurrada ficaram encalhados nas árvores ou entre as canas da ribeira a testemunhar a altura atingida pela subida das águas. Alguns marcos de divisão das terras saíram dos seus lugares. Grande parte dos muros de protecção, que ladeiam as hortas junto à ribeira, ruíram provocando o desabamento de terras que foram levadas para longe. Também os poucos valados que separam as hortas umas das outras foram arrastados para jusante onde invadiram com as suas pedras outras hortas. Algumas das noras e poços aí existentes como recurso alternativo de rega também sofreram danos. Muitos troços de levada ficaram entupidos de pedras e as poucas *comportas* de madeira actualmente existentes foram arrastadas para longe.

Todavia, embora o panorama geral ao longo da Ribeira das Mercês fosse de desolação, a enxurrada não afectou de igual modo todas as hortas. Para o exemplificar, passam-se em revista as dificuldades enfrentados pelos agricultores de três hortas distintas aquando da cheia, focando também outros problemas que já existiam.

HORTA 1

Praticamente todas as hortas do Vale das Mercês se situam na margem direita da Ribeira ao longo das levadas, a horta do Sr. Cavaco (reformado) é das poucas que se localiza na margem oposta. Apesar de localizada junto ao açude, esta horta não beneficia da água da ribeira para a rega dos cultivos, em alternativa dispõe da água de uma nora hoje sem engenho e de uma barragem. Para a rega do pomar de laranjeiras Cavaco tem instalado um sistema de rega *gota-a-gota* que funciona com a *água tirada* a motor da nora, outros cultivos rega-os *de rojo* com a água proveniente da barragem que circula até aí em *queda livre* graças à sua localização cimeira em relação à horta. Com existência há meia dúzia de anos, a água da barragem surge como complemento e alternativa à água da nora. No entanto, como a água proveniente da barragem não envolve custos de combustível ao contrário da rega com a água tirada a motor da nora, o agricultor utiliza-a com mais frequência ficando a água do poço da nora de reserva. Segundo testemunha este homem, quando adquiriu aquele terreno, onde já existia uma pequena horta, quis construir uma levada para puxar a água do açude e assim *regar de rojo*; porém, os regantes da outra margem não permitiram as obras (de transformação) alegando a antiguidade do sistema de regadio existente naquela ribeira. Apesar disso, à semelhança de outras hortas localizadas em margens de ribeiras, a sua nora beneficia de uma posição privilegiada comparativamente a outras noras fora do perímetro das ribeiras. No meio do leito da ribeira, na direcção da nora existe um pequeno pego que,

segundo as explicações do próprio, mesmo quando a ribeira quase se seca a água aí retida escorre pelo cascalho frouxo até o interior da nora. Na área em estudo, muitas noras localizadas junto de ribeiras possuem *canhas* que permitem a ligação subterrânea da água da ribeira com o interior da nora.

Aquando da cheia, a horta de Cavaco foi uma das mais afectadas, e dadas as suas dimensões (3 hectares) os prejuízos terão sido também dos mais avultados. O muro de protecção em betão que a ladeia ao longo da ribeira, ao contrário do que supôs quem o edificou, não resistiu ao impacto das águas, tendo parte dele invadido a horta, enquanto outra parte terá sido levada para jusante. A estas pedras juntaram-se outras pedras, canas e entulhos diversos vindos de montante trazidos pela água, tapando quase por completo a horta. Embora não tivesse nada semeado na altura, algumas das laranjeiras foram arrancadas pela raiz enquanto outras ficaram ligeiramente inclinadas. Uma das paredes laterais da nora tombou para o leito da ribeira, o que muito surpreendeu Cavaco. Segundo este homem, seria mais lógico que a queda da dita parede tivesse sido para o interior da nora dado a direcção da água na altura do incidente. O motor de tirar água estragou-se mesmo dentro da casinha de tijolos e cimento construída para o proteger. Junto a ela, prostrou-se uma porta em zinco com uma aldraba, provavelmente proveniente de outra casinha de motor situada a montante. O posto de electricidade que faz trabalhar o motor de tirar água, tombou para o leito da ribeira tendo sido necessária a intervenção da EDP.

Mas como *as cheias não trazem só coisas ruins*¹³ uma garrafa de whisky JB vinda de longe encalhou nos ramos de uma laranjeira. Pena foi que a tivessem posteriormente roubado do lugar onde Cavaco a escondera. Durante os trabalhos de recuperação da horta que duraram várias semanas no mês de Fevereiro, Cavaco contou com a ajuda dos seus vizinhos e amigos Abílio e Paixão também reformados. Enquanto isso, o agricultor da horta número três já semeava com a ajuda da esposa as primeiras batatas na horta. Quando perguntei a Cavaco como se sentia ao saber que a sua horta havia sido das mais afectadas ao longo daquela ribeira, o homem respondeu: “...*quem sabe se para a próxima sou eu o beneficiado*”.

Horta 2

Apesar de localizada na margem direita da Ribeira das Mercês, a presente horta (seis *canteiros*) não é regada com a água da ribeira através da levada, mas com a água tirada a

¹³ Quando a lenha andava escassa nos matos por causas da actividade dos fornos de cal, aquela que sempre era arrastada pelas águas aproveitava-se para fazer fogo em casa. Os cultivos arrastados pelas águas eram por vezes apanhados a jusante por algumas pessoas. Segundo os testemunhos recolhidos, na Várzea de Paderne juntava-se muita lenha e frutas trazidas de montante pelas águas.

motor de um poço. Segundo as explicações do proprietário (pedreiro de profissão) como a levada se encontra permanentemente entupida a água que chega à horta não é suficiente para regar os cultivos que aí existam. Esta situação deve-se à impossibilidade das actuais levadas serem limpas pelos agricultores segundo os métodos tradicionais sempre que desejável, devido aos arranjos de que foram alvo. Desde finais dos anos 80, início da década de 90 do século XX, altura em que fundos comunitários¹⁴ beneficiaram a reparação das levadas de alguns regadios da área em estudo¹⁵, colocando-se no lugar das antigas levadas a céu aberto tubagens¹⁶, que a limpeza passou a fazer-se unicamente (não sem dificuldades) com uma máquina de aspiração que só a Câmara Municipal possui¹⁷.

Inicialmente, as regas passaram a processar-se mais rapidamente comparativamente ao anterior sistema de levadas em alvenaria a céu aberto. No entanto, em poucos anos as levadas começaram a entupir em consequência do uso indevido de plásticos, pedras, roupa, etc., pelos regantes ao tentarem controlar a água que deixavam entrar na horta à semelhança do que se fazia no anterior sistema. Bastando um pequeno troço de levada obstruído para todo o sistema bloquear, e sendo a localização do mesmo difícil de precisar, desde então, as levadas permanecem constantemente entupidas.

Embora não tenha sido invadida por pedras como a horta de Cavaco, a cheia do dia 20 Novembro destruiu quase por completo os cultivos que então tinha na horta. As couves, *despostas* (plantadas) em Junho, tantas vezes regadas, as que não foram arrancadas pela força das águas ficaram atoladas em terra, servindo unicamente para dar de comer aos porcos. As *despedidas-de-verão*, flores que a esposa costuma levar para o cemitério no *Dia de Todos os Santos* (dia 1 Novembro), ficaram completamente amarfanhadas. A armação das tomateiras encalhou num tronco de laranjeira. A quadrícula de terra recém semeada de alhos-porros foi totalmente arrastada pelas águas. E os marcos de divisão da horta foram arrancados do lugar. Como esta horta não possui valado junto à ribeira, Viegas não correu o risco de o ver arrastado pela força das águas.

Nesta horta, os trabalhos de recuperação fizeram-se rapidamente e sem grandes custos. Viegas limpou o pouco entulho que havia, endireitou a terra com o tractor e em Março

¹⁴ Segundo as informações recolhidas junto da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, esse apoio estava inserido no *Primeiro Quadro Comunitário*.

¹⁵ Ver Quadro 6, Anexo B.

¹⁶ Tubos de polietileno de 2kg/cm², segundo os dados apresentados no “*Projecto de beneficiação do regadio tradicional na Ribeira das Mercês*”, Direcção Regional de Agricultura, 1987.

¹⁷ Segundo o apurado junto dos agricultores da área, a última vez que a levada foi limpa pela Câmara Municipal de Loulé, há cerca de 2/3 anos, foi necessário abrirem-se novas bocas em alguns troços da levada para se dar seguimento aos trabalhos.

semeou as batatas redondas. Todavia, invisíveis as consequências da cheia, só mais tarde se manifestaram: a horta havia sido completamente invadida de sementes de uma erva daninha chamada *junça*¹⁸, uma verdadeira praga para a horta quando as *regas de rojo* começaram. Viegas supõe que a *junça* terá sido arrastada da horta de seu padrinho (localizada a montante), recém lavrada aquando da cheia, de onde foi totalmente varrida. A esposa queixa-se dos roubos de que são alvo as hortas de ribeira dado o isolamento em que se encontram, sendo este um dos motivos que actualmente desmotiva muitas pessoas a cultivar nas suas margens.

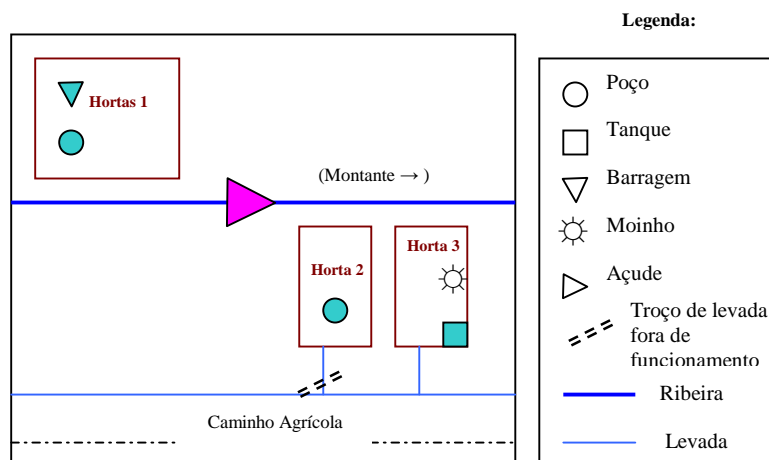
Horta 3

Na zona de hortas do *Zavedo*, esta é uma das poucas hortas cujo proprietário (também reformado) rega a partir da levada. No entanto, o uso da água da levada para rega só é aqui possível graças à existência de um tanque de rega que vai acumulando a água sempre diminuta que, desde o açude do *Moinho Ti'Casinha*, circula pelas tubagens de rega até à horta em questão. Por vontade dos proprietários actuais do *Moinho Ti'Casinha* (filha e genro de Zé) na altura a iniciar um projecto de turismo rural, na direcção desta horta (3 canteiros) a levada permaneceu a céu aberto não tendo sofrido qualquer alteração; deste modo, o troço de levada que liga o tanque de rega aos diversos canteiros de horta nunca corre o risco de entupir dado que pode ser limpa pelo próprio agricultor segundo os métodos tradicionais. Em 2005, ano de seca extrema, tendo deixado de correr água da *Fonte Filipe* para o leito da ribeira faltando nos regadios a jusante, os cultivos desta horta foram regados com a água de um furo que o genro possui naquelas proximidades.

Ainda que as águas da ribeira tenham alcançado as paredes do Moinho, tapando a horta em água, e do valado que ladeia a ribeira não tenha restado pedra sobre pedra, o agricultor desta horta chegou a beneficiar da cheia dado que a água trouxe a *nata*, isto é terra fértil, que veio de hortas a montante, não sendo invadida por pedras nem outros entulhos. Assim, enquanto Cavaco procedia à limpeza da sua horta com a ajuda de dois vizinhos e amigos, Zé preparava-se para semear batatas.

¹⁸ Erva que segundo este agricultor não é originária da zona em estudo, tendo sido trazida com as laranjeiras.

Figura 13 – Conjunto de hortas afectadas pela cheia na madrugada do dia 20 Novembro 2005 na Ribeira das Mercês, Freguesia de Querença.



Porém, apesar dos prejuízos nas hortas, a reacção das pessoas, incluindo os regantes das referidas hortas, foi mais de alívio do que de desespero dado o quadro recente de seca e da frequência dos incêndios ocorridos nas redondezas. Além disso, um bom ano de água não significa necessariamente um bom ano agrícola: para a chuva beneficiar os cultivos deve ser moderada mas suficientemente demorada para se infiltrar na terra; se for torrencial, a chuva rasga a terra e danifica as sementeiras. Contudo, as cisternas e os depósitos domésticos enchem a grande velocidade, garantindo em princípio¹⁹ o líquido para todo o ano. Assim, a chuva que provocou a cheia de 20 Novembro, caiu de repente no leito seco da ribeira, e com a mesma rapidez com que caiu assim seguiu em direcção ao mar. São as chamadas *águas arrematadas*, uma chuva torrencial em curto espaço de tempo que não infiltra no solo, não chega aos *abismos* e conseqüentemente não fortalece as nascentes, não sendo por isso uma chuva desejada pelos agricultores do Barrocal. Por outro lado, a diminuição da importância das hortas junto das ribeiras nos últimos 30/40 anos, a favor da posse de uma horta junto à casa, terá tido também alguma influência nessa reacção das pessoas.

Como causa do agravamento da cheia, os agricultores em geral apontam a falta de limpeza das ribeiras ao longo de todo o seu leito. Segundo as suas explicações, os densos canaviais que se formaram nas últimas décadas, fazem presa no leito da ribeira, estorvam a livre passagem da água, aumentando o ímpeto da cheia, assim de nada serve uma limpeza isolada na direcção de determinada horta. O antigo aproveitamento económico²⁰ das canas e

¹⁹ As primeiras chuvas normalmente não se deixam entrar nas cisternas, servem unicamente para lavar os telhados e as varandas.

²⁰ Por exemplo cestarias diversas e *caniços* para o telhado.

de outras espécies ribeirinhas como a *tabúia*, contribuía para que as ribeiras andassem limpas, bem como a fiscalização do guarda-rios. Além do seu aproveitamento económico, o corte das canas fazia-se também para libertar as hortas das sombras: com a ajuda de um *alferce* efectuava-se anualmente durante os meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Como era reconhecida a importância da *cepa* das canas para segurar o *talude da ribeira* (terra que margeia as ribeiras), havia o cuidado de não as arrancar pela raiz, tendo o agricultor em conta a fase da lua mais indicada para o fazer, ou seja o quarto minguante e nunca com a lua nova para não apodrecerem²¹. Com o mesmo fim, era comum plantarem-se aí árvores como nogueiras e nespereiras. Além da falta de rendimento destas hortas resultando no seu abandono, foram apontados os entraves colocados (por instituições governamentais ligadas ao Ambiente) ao corte e queima de canas e silvados. Este é de facto um tema polémico em toda a área em estudo e carece de um aprofundamento específico que não foi feito neste trabalho.

Apesar disso, na memória das gentes do Barrocal subsistem inúmeros exemplos de episódios de seca e torrencialidade. Entre as datas referenciadas para grandes secas estão 1905, 1934, 1945, em que a população fez procissões rezando a Deus para que chovesse; no que se refere à torrencialidade foram apontadas a cheia de 1949/50 na Ribeira das Mercês e a cheia de 1964 nas hortas do regadio da Passagem (Ribeira da Benémola). Neste último caso era comum rezar-se para espalhar a trovoada²².

5.1.2. Processo(s) de recuperação das hortas afectadas pela cheia

Para voltar a cultivar uma horta de ribeira recentemente afectada por uma cheia, o agricultor necessita de proceder a trabalhos de recuperação diversos que podem demorar semanas consoante os estragos. Primeiro desentulha-se a horta, repõem-se a terra arável e o sistema de rega; mais tarde, quando a ribeira o permitir, reconstrói-se o valado para proteger a horta de futuras enxurradas.

Vejamos como procederam os agricultores das hortas atrás referidas:

Com um *ancinho*, *forquilha* ou a braços limpavam o chão e desembaraçaram as árvores do entulho (canas, lenhas, pedras e lixos diversos) separando-o consoante o género, para ser-lhes dado um destino diferenciado. A lenha proveniente das árvores arrancadas pela cheia foi

²¹ Segundo os mesmos agricultores, este procedimento é extensível ao corte de qualquer lenha, que deve ser de preferência ao *Sábado* por ser *dia macho*.

²² Rever Quadro 2, Anexo A.

serrada aos bocados e levada para casa para acender a lareira. Endireitaram-se as árvores que ficaram ligeiramente pendidas com a força das águas. As pedras foram arrastadas para um canto do terreno até serem levadas para outro lugar, e a terra arável replanada²³. Numa das hortas, as canas e a lenha de pequenos arbustos (sem utilidade prática) foram amontoadas em pequenos molhos espalhados pela horta para melhor se controlar o fogo²⁴ aquando das queimadas, que se efectuaram em dias pouco ventosos. Da cinza daí resultante, os agricultores comentaram que iria fertilizar a terra.

Arranjaram-se os motores de tirar água e respectivas arrecadações, desentulharam-se poços e noras²⁵, reconstruíram-se as respectivas paredes, os troços de levada, improvisando-se por vezes as ferramentas de apoio. Empapuçadas as hortas de água, antes de lavrar a terra para em seguida semear, foi necessário dar-lhe um tempo de *enxugo* de modo a poder ser trabalhada com o tractor.

No que respeita aos valados que ladeiam as hortas junto à ribeira, quem os repara fá-lo unicamente na direcção da sua horta, entre os marcos que a delimitam de outras. Normalmente nessa reconstrução, a braço de homem, utilizando-se pedras soltas provenientes da própria ribeira, recorre-se à ajuda de um simples fio-de-prumo e de um martelo com que se fixam as pedras. Dada a sua localização, estas obras de recuperação só podem efectuar-se quando o leito da ribeira se encontra com pouca água ou seco. No caso da cheia em questão (20 Novembro 2005) na *Ribeira das Mercês*, um dos agricultores efectuou esse trabalho no mês de Setembro do ano seguinte²⁶.

Nos locais mais expostos à entrada da água, alguns destes muros são reforçados com cimento chegando a possuir envergaduras consideráveis. Porém, ao mesmo tempo que defendem os cultivos da subida das águas, os valados comprimem o leito da ribeira, aumentando o ímpeto das águas à sua passagem; assim, não admira que por altura de uma cheia o leito da ribeira saia do lugar reservado (pelo agricultor). Actualmente, muitos desses valados não têm sido levantados pelo abandono em que se encontram muitas das hortas de ribeira, em contrapartida as ribeiras permanecem também mais assoreadas.

Apesar de uma enxurrada não afectar de igual modo todas as hortas de uma mesma ribeira (como se viu no ponto anterior), as consequências de uma cheia variam ainda em função da época do ano em que ocorrem. Em Fevereiro e Março, período do ano agrícola em

²³ Quando é necessária a reposição de terra na horta, esta faz-se de duas maneiras consoante a gravidade da situação: cava-se o solo de modo a extrair terra nova à superfície; ou, em casos mais graves, traz-se terra de outros lugares.

²⁴ Ver Foto 8, Anexo Fotográfico.

²⁵ Ver Foto 7, Anexo Fotográfico.

²⁶ Ver Foto 10, Anexo Fotográfico.

que se efectuam muitas sementeiras, as cheias são menos frequentes comparativamente aos meses de Novembro e Dezembro. O ciclo das hortas embora nunca se feche tem o seu fim no Outono, altura em que as primeiras águas vulneráveis à cheia, sobretudo as trovoadas que descem serra abaixo, encontram as hortas menos semeadas, o que representa uma cautela. No entanto, há memória de em alguns anos as cheias destruírem por completo as sementeiras do milho e do feijão... sendo necessário proceder a novas sementeiras sob pena de se ficar sem mantimentos para o sustento da casa e dos animais durante o Verão.

Podemos então afirmar que, a penosidade dos arranjos empreendidos, os custos de tempo e dinheiro que envolveram, e a insistência em os arranjar, demonstram bem a importância que estas hortas ainda têm para os seus actuais proprietários.

5.2. A horta ontem e hoje

Se, como referem muitos agricultores do Barrocal, cultivar a horta já não constitui fonte de rendimento nem de subsistência determinantes, se fica mais barato comprar na praça ou no hiper-mercado, porque continuam a agricultura-la? O que fará com que alguns deles se desloquem regularmente de carro ou carinha, a 5km de distância da sua residência habitual, para regar meia dúzia de *leiras* e *rêgos*?

No geral, os motivos apontados pelos agricultores para continuar a cultivar são o “gosto” e o “hábito” de não ter que comprar tudo no supermercado dispondo de maior abundância na despensa, o melhor sabor e qualidade dos alimentos recolhidos, bem como o entretenimento que tal prática proporciona. No entanto, a proximidade e identificação de cada um à horta não é a mesma para todas as pessoas da área em estudo, existem gradações que variam em função da educação, da posse de terra e água em proximidade, da situação face ao emprego, da idade e do sexo. Consequentemente, a relação que se estabelece com a horta pode variar durante o percurso de vida de alguém, e ao longo do ciclo familiar.

De acordo com os dados recolhidos no terreno, podemos repartir os agricultores em 3 grupos principais segundo as suas motivações: o grupo dos que (estando em idade activa) se dedicam à agricultura a tempo inteiro; o grupo dos que exercendo uma actividade remunerada fora do sector agrícola mantém em paralelo o cultivo da horta; e o grupo dos reformados. O primeiro grupo (minoritário) conjuga o trabalho na *horta* com a exploração de um conjunto de outras actividades co-relacionadas, como a arboricultura de sequeiro, a monocultura de um ou outro tipo de cultivo (agriões, morangos, melancias...) consoante as exigências do mercado. O segundo grupo, tradicionalmente a situação mais frequente, cedeu nos últimos anos lugar ao

grupo de reformados, melhor dizendo, os efectivos deste grupo nas últimas décadas do século XX transitaram recentemente para a terceira situação, tornando-a actualmente na situação maioritária.

Em ambos os grupos, ainda que por razões diferentes, o desejo de autonomia está implícito nas motivações para cultivar. No primeiro caso, ser patrão de si próprio “*não ter ninguém que ande mandando*” é razão para alguns deixarem de desempenhar um trabalho remunerado por conta de outrem. No segundo caso, sentir-se útil e produtivo mesmo depois da reforma, podendo ao mesmo tempo disponibilizar de produtos frescos que se oferecem a filhos e a netos quando estes os visitam. Podemos aqui acrescentar o subgrupo de (algumas) domésticas, mulheres que não trabalhando para fora encaram o cultivo da horta como uma pequena economia que lhes permite gozar de alguma independência face ao salário do marido. A horta cumpre deste modo, uma importante função de integração social. Em qualquer dos casos, directa ou indirectamente, a família acaba por beneficiar, dado que o(a) agricultor(a) partilha com filho, netos e cônjuge os produtos que recolhe.

De facto as hortas do Barrocal não deixaram de ser um complemento aos rendimentos familiares sobretudo em época de crise (desemprego, doença ou outra situação); todavia, actualmente, cada vez mais activos em outros sectores deixam de a exercer a tempo parcial como complemento do seu salário. A falta de conhecimentos agrícolas por parte de muitos jovens adultos cuja frequência escolar se fez completamente ao lado da actividade agrícola dos pais, e cujas aspirações se afastam da de seus progenitores, pode ser uma explicação para a situação actual.

Todavia, independentemente do desinteresse de filhos e netos, entre as motivações mais profundas dos reformados está a preocupação em legar intacto um património à geração seguinte, implícita numa relação de afectividade com esse mesmo património. A expressão “*há sempre quem cultive, porque há sempre velhos*” mencionada por diversos informantes, parece-nos ir ao encontro desta missão. Também a incerteza de um futuro que garanta o sustento do próprio e da sua descendência, assim como o temor de regresso a tempos de crise, são (muitas vezes inconscientemente) motivo suficiente para se quer conservar um património fundiário cujo valor pode sempre ser canalizado em outras direcções (caso necessário).

No Barrocal, pelo menos até às décadas de 60/70 do século XX, a alimentação quotidiana fez-se basicamente com os produtos existentes na horta em cada época do ano, e da carne de alguns animais domésticos como o porco e as aves. A variedade de cultivos que ainda hoje a caracteriza fazia face à falta de bens para comprar. Na mercearia apenas se podia adquirir açúcar, arroz, bolachas Maria, pimentão, bacalhau (mais recentemente) e pouco mais.

Do que a horta produzia guardava-se para o ano todo, o grão, o milho, o feijão, as batatas; do porco guardava-se o presunto, as chouriças, o toucinho. Com os quais se confeccionava papas de milho, jantares de grão e de feijão, favas de panela, sopas de grão, sopas de batatas, e outras variantes.

“As pessoas semeavam aquilo que comiam” e “...quem não tinha um bocadinho de terra morria de fome...”, de tal modo que junto às ribeiras, localização privilegiada das culturas regadas, os moinhos e as azenhas só funcionavam (segundo o testemunho de alguns informantes) quando a rega das hortas estava garantida, por isso normalmente não funcionavam no Verão por falta de água²⁷.

Foi relatado por informantes originários da *Varja da Ribeira*, zona da Fonte da Benémola, freguesia de Querença, um episódio de difícil convivência entre hortas e infra-estruturas cujo funcionamento se pretendia fazer com a água da Fonte que alimenta a ribeira: a projecção de umas termas em finais do século XIX início do século XX. Esta intenção provocou a revolta de quem possuía hortas a jusante pelo receio de faltar água para as regar, nomeadamente no *Morgado da Tôr*, que dirigindo-se ao governo civil em forma de protesto obtiveram apoio para a sua proibição. Este relato para ser comprovado carece de uma pesquisa aprofundada em alguns arquivos governamentais, que não nos coube neste trabalho, apesar disso, independentemente dos pormenores que lhe poderão estar associados, a importância atribuída nessa altura às hortas parece-nos aqui bem evidente.

A pequena dimensão das hortas do Barrocal, em tamanho e número, tornava cada bocadinho de terra aproveitável para semear mais uma leira; assim, nestas hortas até o gargalo dos poços era estreito para ocupar o mínimo espaço possível. Deste modo, não admira que possuir terra irrigada fosse sinónimo de prosperidade familiar²⁸, e que a aspiração de a possuir levasse muita gente a emigrar. E embora tenha sido o duro trabalho agrícola no Barrocal um dos grandes motivos que esteve na origem das grandes vagas de emigração de Algarvios (ao longo do século XX) para as Américas e para a Europa; aquando do seu regresso, assistiu-se a aquisição massiva de terras para hortar. Apressando-se muitos deles a provir de água terrenos cada vez mais próximos de casa (com a abertura de poços e mais tarde furos), tentando ao mesmo tempo assegurar a água para uso doméstico²⁹. Esta aproximação das hortas à casa, e

²⁷ Este tema é mais complexo do que parece à primeira vista, dado que entre agricultores e moleiros se estabeleciam acordos diversos para o uso da água. Aspecto não aprofundado neste trabalho.

²⁸ Aspecto também referenciado por Dan Stanislawski (1963).

²⁹ O surgimento de furos de captação de água subterrânea originou um forte comércio de água entre os possuidores e os não possuidores de água. Tornando-se o furo um elemento de diferenciação social, à semelhança do que havia sido a nora.

consequentemente da água à casa, provocou não só transformações progressivas na paisagem, como mudanças significativas nos modos de vida das populações locais, nomeadamente na condição feminina³⁰.

Actualmente, a horta continua a funcionar como local de armazenamento de produtos hortícolas frescos, a que se faz visitas regulares para recolher os que estão maduros e garantir com a rega o desenvolvimento de outros; assim, junto à casa a horta cumpre melhor essa função. Algumas pessoas continuam a comercializar os excedentes na praça de Loulé aos sábados, no mercado em Quarteira às quartas-feiras, ou entre vizinhos, conferindo neste último caso, algum dinamismo à economia local.

O cultivo da horta pode ser acompanhado de outras actividades complementares que contribuem para a almejada autonomia que os grupos atrás indicados procuram em tal prática agrícola. São disso exemplo, a confecção de pão caseiro, queijos frescos, enchidos, a criação de animais, a apanha de frutos secos. Tratando-se portanto de um modo de vida. O que explica o elevado número de tractores existentes e vendidos anualmente: com o tractor acarta-se lenha para a lareira, para dar fogo ao forno, acartam-se as sacas de alfarroba, azeitonas, etc.

Ao constituir-se como um prolongamento da própria casa que fica ao alcance da vista dos vizinhos, a horta pode tornar-se alvo das suas apreciações, e consequentemente, para o seu proprietário um motivo de orgulho e vaidade, oferecendo-se *produtos caseiros* a quem aprecia mas não tem; ou de vergonha se esta se encontrar cheia de ervas, sem água, por cultivar. A título de exemplo, passar junto a uma horta e dizer “*parece a seara do menino Jesus*”, significa que a sementeira está mal semeada por estar muito junta, tratando-se de uma crítica. Logicamente que estes sentimentos, assim como as críticas ou elogios que se fazem variam em função da importância que a horta tem para determinado indivíduo, seja ele do sexo masculino ou feminino³¹.

A comparação da horta a um jardim – *andava tudo cultivado que parecia um jardim* –, é uma expressão antiga mas ainda hoje usual entre as gentes na área do Barrocal em estudo. A ideia de jardim neste contexto, remete para um espaço onde se dispõe de água, as culturas são variadas e pormenorizadamente cuidadas (sem ervas), onde existem algumas sombras de árvores que conferem frescura ao local tornando-o aprazível³². Porém, à semelhança do

³⁰ Pondo fim às penosas deslocações femininas às ribeiras e lavadouros públicos mais próximos para lavar a roupa.

³¹ Em outros tempos, comentar o estado da horta, o descuido do vizinho y e x era motivo frequente de chacota entre homens no café. Da horta do *Tio Cativo* (residente na freguesia de Querença) que no Verão não tinha água e as laranjas caíam todas para o chão, fez-lhe um vizinho uma quadra. Mote: “*A horta do Ti’ Cativo nunca tem nada que preste, consome tudo adubiu (estrume), no Inverno é que se veste*”.

³² Aspecto que já havia sido notado por Estanco Louro para as hortas do Alportel situadas também no Barrocal.

Jardim de Éden³³, nestes jardins que são as hortas do Barrocal existem legumes e frutas para o homem comer. Onde a cada visita o agricultor aprecia o desenvolvimento da sua criação, estabelecendo com os cultivos uma forte relação de afectividade. O que expressa muito mais que uma função meramente utilitária da horta. Vejamos este aspecto com o relato do seguinte caso ocorrido em Junho de 2006, no sítio da Mesquita pertencente à actual freguesia de Tôr:

Apesar das obras de que estava a ser alvo a casa, e dos andaimes invadirem a quase totalidade da hortinha, o casal Sebastião e Filomena não desistiu dela, fazendo a sua manutenção – três árvores (limoeiro, diospiros e nespereira), uma *leira* de alfaces, e dois *rêgos* de couves. Ali no meio dos andaimes apresenta um aspecto cuidado, a terra limpa, com sinais visíveis de rega frequente. Antes das obras a horta já era minúscula, tornava-se então exígua. Curiosa foi a operação levada a cabo por Sebastião para salvar 10 ou 12 pés de couve que decidiu transplantar para outro terreno também em miniatura que se localiza em outro canto do quintal. Segundo justificou o homem, o que o motivou foi ver o pedreiro, então a arranjar o telhado da casa, a salpicar de cimento a pequena horta. Resultado: teve “*pena das couves*”.

Esta atitude parece-nos especialmente interessante porque a pessoa em questão comentava frequentemente desagradado o tempo que perdia na horta a pedido da esposa após um dia cansativo de trabalho.

Na verdade, a falta de água impossibilitou por muito tempo a existência de jardins tal como os conhecemos hoje em dia em muitas residências do Barrocal. O mais comum era possuíam-se apenas 2 ou 3 vasos com *flores de casa*³⁴ com que se compunha o corredor. Jardins unicamente de flores existiam apenas nas vilas e cidades (Loulé, Faro e Lisboa) e nas bermas da estrada junto da casa dos cantoneiros. Porém, actualmente, embora se disponha de mais água junto das casas, as hortas encontram-se em vantagem relativamente aos jardins desde que para aí foram deslocadas.

Reflexão Final 4

Com base nas motivações apontadas pelos agricultores para continuar a cultivar, pode-se dizer que cultivar hoje as hortas do Barrocal, mais do que um complemento importante à subsistência familiar, é um modo de vida, uma maneira de estar em sociedade e perante a

³³ Chevalier e Cheerbrant (1994) referem-se ao *jardim* como o símbolo do paraíso em muitas culturas, um lugar onde existem sempre fontes que jorram, estando também associado à fecundidade, ao poder do homem sobre a natureza domesticada.

³⁴ Curiosamente entre as flores mais comuns estavam as *chuvas* e os *chuvões*.

natureza; eis a racionalidade fundamental subjacente ao actual cultivo da horta no Barrocal. É claro que as hortas não são os únicos factores de identificação das pessoas ao local, outros elementos da paisagem cumprem a mesma função, como por exemplo os frutos secos designadamente a alfarroba. No entanto, as hortas pelo seu peso ancestral na sobrevivência directa das gentes ocupam nesta sociedade rural um lugar de destaque.

Por outro lado, a revalorização de que tem sido alvo o mundo rural, nomeadamente por parte de Associações de Desenvolvimento Local cujos projectos comunitários de valorização de produtos regionais com vista à implementação de um turismo rural (socorrendo-se muitas vezes da etnografia), incitaram a população local à reflexão sobre o potencial dos seus próprios recursos naturais, culturais... originando alguns casos exemplares que serviram de modelo e inspiração a outros sem qualquer ligação a associações do género. Deste modo, se o surto do turismo sol e praia nos finais de 1960 transferiu mão-de-obra dos campos para o litoral, a insipiência de um turismo rural parece poder vir a actuar no sentido inverso.

